

ANA LUISA GEDIEL: ANTROPOLOGIA LINGUÍSTICA E A CORPORIFICAÇÃO DA LINGUAGEM

ANDRESSA SANTOS DOMINGUES¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

Universidade Federal de Pelotas – andressadm@hotmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas –riethuf@uol.com.br²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Teoria Antropológica IV, no Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sobre a institucionalização da Antropologia no Brasil, no primeiro semestre de 2016, como requisito parcial para a conclusão da mesma. O estudo traça a trajetória acadêmica de Ana Luisa Gediél, que corresponde a uma inserção pioneira em pesquisas no campo da Antropologia Linguística. Sua pesquisa foi realizada na comunidade Surda de Porto Alegre, abordando temáticas exploradas pela autora como: língua, cultural, identidade e corpo. Para tais discussões, sua tese de doutorado, *Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos: a corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre*, será utilizado como referência para as pesquisas realizadas neste trabalho.

Cabe salientar, também, a importância de um posicionamento político da comunidade Surda e da Língua de Sinais, reconhecida como língua oficial no país – sancionada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 – como um demarcador identitário e de processos de corporificação, que motivam pesquisas na área da Antropologia do Corpo e da Saúde. Os estudos sobre a Língua de Sinais associam-se a essa área por se tratar de uma linguagem corporificada, de modo que as experiências de mundo estão intrínsecas ao corpo e suas nuances. Deste modo, a inovação que a autora traz, junto com a sua condição entre as áreas da Educação e Antropologia Linguística, contribui para a compreensão e a construção de uma identidade Surda.

A linha que Gediél traça dentro do campo da Antropologia Linguística, em sua tese, corresponde ao entendimento de como o estudo da língua, da linguagem e suas variações refletem ou interferem no contexto sociocultural da sociedade como um todo, assim como vão constituir as especificidades de determinado padrão cultural. Entendendo a necessidade de uma melhor compreensão dessa linha de formação em desenvolvimento no Brasil, será feito uma breve discussão sobre a constituição da Antropologia Linguística e as principais contribuições para a área, de acordo com as referências utilizadas por GEDIEL (2010).

2. METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida no presente estudo segue a mesma proposta metodológica adotada na disciplina de Antropologia IV, que busca estudar a Escola de Antropologia Brasileira, pensando em linhagens e relacionando o autor, a formação acadêmica do mesmo e sua produção bibliográfica.

Assim, a proposta metodológica da disciplina compreendia em eleger um/a autor/a contemporâneo, dentro do campo da Antropologia Social e Cultural, visando assimilar a contribuição e inovação do/a mesmo/a para o meio acadêmico. Desta forma, o trabalho proporciona ampliar e aprofundar o

conhecimento sobre as linhas de pesquisas no campo da antropologia brasileira e a diversidade de práticas sociais que podem ser abordadas no contexto nacional, sendo essa uma característica das pesquisas antropológicas realizadas no país. Segundo PEIRANO (1999, pp. 226), isso é denominado antropologia '*at home*'.

Nesta perspectiva, a escolha da autora, Ana Luisa Gediel, para a elaboração da pesquisa vai de encontro ao tema de estudo que desenvolvo no Bacharelado de Antropologia, sobre a acessibilidade, a inclusão e suas diferentes interfaces na UFPel, por meio da Antropologia Linguística. Gediel ampara estes estudos com a sua contribuição pioneira na área, abordando a língua e os aspectos linguísticos, referentes à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para a compreensão de manifestações socioculturais, sendo possível aplicá-las num estudo sobre as interações sociais e as especificidades de pessoas especiais no âmbito da universidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ana Luisa Gediel explora a problemática nos seus estudos sobre como é a construção de uma identidade Surda que se molda por meio da cultura. O “tornar-se culturalmente surdo” (2010, pp.19) vai além de dominar a Língua de Sinais. A constituição do sujeito surdo compreende um grau de sociabilidade e socialização envolvidas pela *performance* corporal, e que influenciam na formação dessa identidade Surda.

A autora concluiu sua graduação em Educação Especial, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com habilitação em Deficiência da Audiocomunicação e, no ano seguinte, realizou a especialização em Educação Especial na mesma Instituição. Prosseguiu sua formação no Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pós-Doutorado, na área de Antropologia Linguística, na Universidade da Califórnia (UCLA), interrelacionando-a com a Antropologia do Corpo. Atualmente, Gediel, trabalha como professora de Letras e na pós-graduação de Antropologia da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Na graduação em Educação Especial, Gediel voltou-se para um acompanhamento no processo de ensino-aprendizagem de pessoas Surdas. A partir de então, iniciou seus estudos em LIBRAS, no ano 2000, inserindo-se na comunidade surda de Santa Maria. Após mudar-se para Porto Alegre, passou por um processo de readaptação, tendo que procurar meios de inserir-se na comunidade Surda da capital. Este contato se deu ocasionalmente perto de sua casa, com um casal de surdos que conversavam no local. Gediel interrompeu a conversa interessada em conhecê-los. A pesquisadora ressalta, em sua etnografia, a curiosidade das pessoas que conhecem e falam a Língua de Sinais que se aproximam ao verem outras/os Surdas/os se comunicando.

Desde então, passou a frequentar continuamente a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS) na capital. A partir desse contato, a antropóloga aprofunda suas pesquisas dentro da comunidade Surda e a Língua de Sinais, compreendendo a língua, a linguagem, as variações linguísticas e o *corpo* como elementos que podem tanto modificar quanto serem modificados pela cultura e como recursos para o estudo dos diferentes contextos sociais.

A significação do *corpo* nos estudos antropológicos, remete diretamente ao campo da Antropologia da Saúde. Nessa perspectiva e remetendo às linhagens de antropólogas/os brasileiras/os, a professora Dra. Ceres Gomes Vítora, orientadora de Gediel, trabalha atualmente no Departamento de Antropologia

Social da UFRGS, na área da Antropologia da Saúde na temática de corpos sociais e corporificação do mundo social. Vítora integra, também, o Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS), grupo que Gediel participou durante sua formação.

No NUPACS foi possível ter acesso a conceitos fundamentais que subsidiaram sua tese, como o conceito de corporificação (*embodiment*). “Nesta perspectiva, o corpo é o sujeito e o objeto da cultura simultaneamente porque toda a relação com o mundo se dá por meio e devido a ele.” (2010, pp.109), desta maneira, afirma Gediel, a corporificação é a base da experiência de mundo dos indivíduos. Tendo este conceito em mente, a autora aplica-o diferenciando os comportamentos de pessoas surdas e de pessoas ouvintes nas maneiras distintas de perceber e significar a vida. Esse processo ocorre de acordo com as performances de cada ser, concluindo que para a/o surda/o, as sensações tendem a ser mais sutis, por conta das expressões corporais serem mais intensas e experienciadas.

Gediel passou a compor o quadro de estudos pioneiros na área da Antropologia Linguística, pouco desenvolvida no Brasil (GIDIEL, 2010). Devido a falta de pesquisas, a autora cursou parte do seu Doutorado Sanduíche na University of Texas, em Austin, na busca de subsídios para complementar sua formação sobre o tema. Durante o seu período na Instituição estadunidense, foi apresentada às leituras clássicas da Antropologia Linguística. Gediel traz então as perspectivas de autores como Goffman, Duranti, Ochs, Hymes e Gumperz, amparada entre as áreas da Educação e da Antropologia.

A antropóloga remete à Franz Boas, antropólogo estadunidense – que desenvolveu o modelo que é conhecido como os quatro campos (*four fields*): Antropologia Biológica, Antropologia Linguística, Antropologia Social e Cultural e Arqueologia –, pioneiro nos estudos da Antropologia Linguística, foi o primeiro a relacionar a língua com o contexto cultural e o fenômeno etnológico. Assim como em Boas, a autora traz as contribuições de Sapir, que fundamentaram estudos antropológicos e linguísticos, com pesquisas sobre línguas indígenas americanas e línguas ágrafas. Conforme Sapir, a língua é o principal meio de comunicação e expressão do indivíduo, significando um sistema simbólico completo. Contudo, a autora reforça a não significação de expressões gestuais para o linguista.

A medida em que Gediel traz discussões sobre a língua para a compreensão de fenômenos sociais em diferentes culturas, a pesquisadora busca o conceito de *cultura* principalmente em dois autores, Bourdieu e Duranti, e que, segundo Duranti (1997), antropólogo italiano, os padrões culturais podem ser revelados por padrões linguísticos. O autor também sustenta que a principal contribuição da noção de cultura para a antropologia linguística está na obra de Bourdieu (GIDIEL, 2010. pp. 98). Na perspectiva de Bourdieu, o conceito de cultura vincula-se às ações cotidianas, que interferem e modelam o sistema linguístico, significando o ato da fala para além de noções gramaticais.

Para tanto, a intenção de Gediel é chamar a atenção para o significado da língua como um produto sócio-histórico que perpassa diferentes tipos de linguagem, como a linguagem corporificada, que possui uma estrutura tão complexa quanto a linguagem falada, conhecida como Língua de Sinais. De acordo com os mecanismos dessa linguagem, o sistema de comunicação e expressão é realizado por meio de sinais externizados pelo corpo, caracterizando o mais importante aspecto cultural da Comunidade Surda. Nesse processo de corporificação, Gediel (2010, pp. 267) afirma que “a cultura Surda está no corpo e se faz compreendida através de performances corporais nas diferentes

manifestações sociais. São elas que dão expressão e sentido à língua, à identidade e à própria cultura”.

Neste sentido, a contribuição que a autora traz é a partir dos processos de corporificação como performances exercidas pelos corpos Surdos e seus significados para a construção de sua identidade. Dessa maneira, as *performances tem sentido de* expressões simbólicas corporificadas, dadas pela inter-relação de sociabilidade e socialização, assim como as variações linguísticas que se evidenciam em momentos da prática cultural e de interação social, afetando a constituição do sujeito.

Por fim, Gediel reforça que todos os aspectos que influenciam a construção da identidade e da cultura Surda sustentam a importância de um posicionamento político de grupos minoritários frente as políticas públicas e políticas educacionais. O reconhecimento desses grupos e de suas especificidades culturais passam a ter aspectos legais a partir do momento que o indivíduo se identifica diante daquele grupo e, por conseguinte, reivindicam seus direitos para a diminuição das diferenças socioculturais e valorização da diversidade, tornando-se Surdo.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista a Antropologia Linguística como uma área dos quatro campos pouco desenvolvida no Brasil (GEDIEL, 2010), as pesquisas realizadas por Gediel contribuem não somente como respaldo bibliográfico, mas possuem valor como base para uma respectiva concretização de linhagens no campo. Seus estudos vão de encontro às colaborações de Boas ao significar a língua e variações linguísticas como mecanismo para a compreensão de fenômenos socioculturais numa perspectiva antropológica. Para além, a antropóloga ao explorar temas interligados como sociabilidade, socialização e Antropologia da Saúde corrobora na ampliação de um reconhecimento e compartilhamento da cultura Surda.

As contribuições de Gediel perpassam o âmbito acadêmico ao abordar as especificidades do grupo como ferramenta na luta por direitos de igualdade, de inclusão, da valorização das diversidades, de acessibilidade e de visibilidade. Neste sentido, o conjunto dos temas debatidos remetem à necessidade de uma valoração identitária da comunidade Surda que vai para além da significação da Língua de Sinais, mas compreende todo o processo de experiência de mundo a partir de seus corpos. Possuir uma identidade cultural estabelecida passa a fortalecer o grupo nas manifestações de suas reivindicações frente ao Poder Público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GEDIEL, A. L. **Falar com as mãos e ouvir com os olhos:** a corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GEDIEL, A. L. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4847726396513108>, acesso em: 17/07/2016.

VÍCTORA, C. G. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7187238922547625>, acessado em: 17/07/2016